

Grande Sertão: Veredas - Força Coletiva em Cena (Parte 2) – Por Elcio Lima

Montagem: Grande Sertão: Veredas

Mostra Cênica dos Cursos Técnicos da ETDUFPA

Elcio Lima Corrêa¹

A apresentação de **Grande Sertão: Veredas**, com direção de **Karine Jansen** e **Larissa Latif**, realizada em 6 de março na Praça Amazonas, ao lado do Espaço São José Liberto, inspira esta segunda leitura crítica. Trata-se da continuidade de uma reflexão iniciada anteriormente na revista eletrônica **Tribuna do Cretino**, na qual a primeira análise privilegiou aspectos interpretativos, reflexões sobre a natureza humana sob perspectiva filosófica e alguns elementos da composição visual da cena. Nesta nova abordagem, o olhar se dirige ao núcleo dramático relacionado ao bando de Hermógenes, evidenciando como a construção das personagens adquire outra densidade quando observada por esse prisma.

A escolha de dividir a narrativa em duas perspectivas revela-se instigante. Em vez de uma leitura linear, a encenação propõe um jogo de focalizações que remete à própria complexidade das experiências humanas, nas quais cada acontecimento pode ser interpretado de modos distintos. Nesse recorte, a presença de Riobaldo e Diadorim ganha novos contornos ao ser confrontada com a violência e a astúcia do grupo rival. As figuras do bando não aparecem apenas como antagonistas funcionais; gestos, entonações e deslocamentos revelam temperamentos variados, ampliando o clima de tensão. Ao mesmo tempo, a apresentação em espaço aberto impõe desafios particulares. Em uma praça pública, onde ruídos e circulação de pessoas disputam atenção com a ação dramática, a expressividade precisa ser ampliada sem perder precisão. Projeção vocal, gestualidade mais marcada e ritmo cênico bem definido tornam-se fundamentais para manter o interesse coletivo.



A noite belenense pareceu colaborar com o encontro. Após dias de chuvas constantes, o céu concedeu uma pausa providencial, permitindo que a apresentação ocorresse sem interrupções. A brisa leve e a temperatura amena criaram um ambiente favorável para que o público permanecesse reunido ao redor da ação, algo particularmente significativo em uma cidade onde o regime de chuvas frequentemente redefine os planos do cotidiano.

Esse contexto reforçou o caráter de teatro de rua assumido pela montagem. Ao ocupar a praça, o espetáculo ultrapassou o limite do público previamente identificado pelas pulseiras e passou a interferir diretamente no fluxo urbano. Pessoas que transitavam pelo local aproximavam-se gradualmente, atraídas pela movimentação e pelo magnetismo da narrativa. Algumas permaneciam apenas alguns minutos; outras acompanhavam toda a apresentação, integrando-se

¹ Elcio Lima Corrêa é diretor do Grupo Presságio, figurinista e Professor licenciado em Teatro; também colabora com o Projeto de Pesquisa O Clown Nosso de Cada Dia e com o Projeto de Extensão Tribuna do Cretino.

à plateia improvisada. Adultos e crianças assistiram por quase uma hora, de pé e atentos, à travessia de Riobaldo e Diadorim e aos embates com o temido Hermógenes. Essa adesão espontânea reafirma uma das forças mais potentes do teatro em espaços públicos, a capacidade de interromper a rotina da cidade e instaurar, ainda que por instantes, uma comunidade reunida pela experiência compartilhada da cena.

Na montagem, as figuras de **Grande Sertão: Veredas** não se organizam em um simples tabuleiro de heróis e vilões. Elas se movem dentro de um campo moral instável, no qual escolhas e circunstâncias revelam as fissuras da própria condição humana. As observações a seguir recaem sobre Hermógenes, Joca Ramiro, Zé Bebelô, Riobaldo e Diadorim, por constituírem pontos decisivos de tensão na trama.

O temido Hermógenes, vivido por **Priscila Rosa**, encarna a brutalidade que emerge quando a violência se transforma em método de poder. Na encenação, a crueldade associada à personagem torna-se evidente. Cada entrada em cena carrega uma sensação de ameaça permanente, como se o ambiente fosse contaminado pela simples presença daquele que governa pelo medo. Há, contudo, uma linha delicada entre a atuação intensa do ser humano cruel e o arremedo de vilão. Em alguns momentos, as escolhas de Priscila Rosa aproximam-se desse limite, especialmente pelo uso acentuado de expressões faciais e corporais que buscam sublinhar o caráter ameaçador da figura.

A energia empregada pela atriz revela empenho claro em construir uma presença dominante, capaz de instaurar tensão no espaço cênico. Ainda assim, para uma abordagem mais naturalista, talvez fosse interessante considerar a possibilidade de reduzir certos excessos, permitindo que a violência do personagem também se manifeste por meio de silêncios, pausas e gestos mais contidos. Apesar dessa observação, permanece evidente a dedicação da intérprete ao papel, algo que se confirma na reação do público. Não foram poucos os espectadores que demonstraram espanto diante da intensidade apresentada em cena, sinal de que o impacto provocado por sua composição não passou despercebido.

Em contraste, Joca Ramiro, defendido por **Sofia Alvarez**, surge como liderança respeitada por uma ética que ainda preserva certa ideia de honra dentro do universo brutal da obra. Sofia assume o desafio de interpretar uma figura masculina com sobriedade, evitando exageros corporais ou vocais e construindo uma presença firme e convincente. Essa escolha torna ainda mais comovente o momento em que o destino pesa sobre a personagem, despertando empatia na plateia.

Já Zé Bebelô, interpretado por **Matheus Martins**, transita nesse território ambíguo de político, estrategista e orador. O ator encontra na composição vocal um recurso preciso. A voz surge firme, articulada e persuasiva, capaz de separar claramente sua pessoa da personagem. Há nela um tom que mistura cinismo e coragem, qualidades típicas de quem maneja a palavra como arma na luta pela própria existência, tornando verossímil essa figura que tenta reorganizar o caos por meio do discurso e da astúcia.



Nesse campo de forças, Riobaldo e Diadorim, vividos respectivamente por **Lucas Bereco** e **Luís Carlos**, funcionam como eixos de sensibilidade e conflito. No centro da narrativa, Bereco conduz o fio que costura acontecimentos e memórias que estruturam a trama. Sua interpretação aposta em uma fragilidade perceptível sobretudo no olhar, como se o personagem estivesse constantemente atravessado por dúvidas e reminiscências. Trata-se de uma escolha que contrasta com outra encarnação da figura vista no Casarão do Boneco, com **Gabriel Anjos**, onde a presença assumia contornos distintos. Ao seu lado, Luís Carlos cumpre com competência o que lhe é proposto em cena. Ainda assim, permanece a dúvida se foi a escolha mais acertada, não por falta de capacidade, já comprovada, mas pelas complexidades do segredo que o personagem carrega e que só se revela plenamente no desfecho da história. De todo modo, a interação entre os dois intérpretes produz novas nuances para uma relação que, dentro da própria obra, já se apresenta como suspeita e um tanto estranha aos olhos do bando, reforçando o caráter ambíguo e inquietante do vínculo entre as duas figuras.

Os demais integrantes surgem como ponto de apoio coerente e dedicado à engrenagem narrativa, sustentando o ambiente coletivo do bando e contribuindo para que a cena se manifeste com vitalidade. Há empenho visível na construção dessas presenças, que ajudam a dar corpo ao sertão povoado por jagunços, alianças frágeis e tensões constantes. Entretanto, essa dimensão sombria constitui também uma armadilha recorrente para a atuação. Personagens moldadas a partir de traços extremos como violência, brutalidade e tirania correm o risco de se apoiar em signos demasiado evidentes. Nesse sentido, a reflexão sobre as chamadas máscaras de atuação mencionadas por **Constantin Stanislavski**, torna-se pertinente. Quando determinados códigos expressivos são reiterados em excesso, o intérprete pode recorrer a um repertório gestual que, embora eficaz para comunicar rapidamente a intenção dramática, por vezes resvala na caricatura. Paradoxalmente, muitas vezes é justamente a economia expressiva que torna a ameaça ainda mais perturbadora. Trata-se de um desafio frequente em obras de grande intensidade dramática, encontrar o equilíbrio entre potência expressiva e contenção que permita à personagem respirar para além do estereótipo.

Ao observar essas figuras em conjunto, torna-se inevitável perceber ecos da política contemporânea. O sertão rosiano parece antecipar um mundo em que projetos de poder convivem com discursos moralizantes, alianças instáveis e lideranças que oscilam entre carisma e autoritarismo. A obra de João Guimarães Rosa permanece atual justamente por desnudar fragilidades humanas como a sede de poder, a necessidade de pertencimento, o desejo de justiça e a permanente batalha entre consciência e conveniência que atravessa tanto o sertão literário quanto os cenários políticos de hoje.

Ao final, destaca-se a entrega do elenco, que sustenta a montagem com dedicação visível e compromisso artístico. Considerando as adversidades de naturezas múltiplas que atravessam qualquer processo criativo, especialmente em contextos de formação, o resultado revela um grupo que busca compreender a importância do trabalho coletivo, do apoio mútuo e da responsabilidade



compartilhada na construção da cena. Há, em diversos momentos, a sensação de que cada intérprete sustenta o outro, criando uma rede de presença e confiança que fortalece o conjunto.

Essa postura também evidencia algo fundamental: ser ator ou atriz não se resume a aplausos ou à ideia sedutora de glamour associada ao palco. Trata-se de um ofício que exige estudo, disciplina, escuta e seriedade diante do processo. O empenho percebido na cena indica um grupo disposto a trilhar esse caminho com respeito à arte que escolheu praticar. Por isso, todos os envolvidos nas dimensões criativa e técnica merecem reconhecimento pelo trabalho apresentado, com destaque para os figurinistas e para a cenógrafa, cujas contribuições ajudaram a construir um universo visual consistente e sensível, essencial para sustentar a atmosfera do espetáculo.

Março de 2026.

